





**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Miguel Rodrigues Netto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2 /  
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-540-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409211410>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel  
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país e do exterior sob o eixo problematizador da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos estão reunidos neste segundo volume que consolida norteamentos presentes na primeira obra e ainda avança sobre temáticas novas que apontam para interdisciplinaridades ainda não exploradas.

A obra começa com um bloco de capítulos que dialogam diretamente com o fazer jornalístico como no caso do estudo sobre o gênero opinativo em revistas da área de saúde e também na fotografia jornalística como ferramenta para alunos ou mesmo no estudo sobre dispositivos móveis e construção da notícia. Percebemos neste primeiro bloco que embora o eixo norteador seja a visão jornalística, existe forte articulação com outras áreas como educação, política e cultura.

No segundo bloco de capítulos as pesquisas se abrem para outros campos da comunicação mantendo o perfil multidisciplinar da obra como pode ser visto nos estudos “Apontamentos sobre biopoder, biopolítica e biopotência na comunicação comunitária no ciberespaço”; “Ciberdemocracia e *fake news*: reflexões sobre o período eleitoral de 2018” e “O agro em tempos de pandemia: economia e saúde na textualização do político pela mídia”. Tais estudos se dão no campo comunicacional, mas é inegável a habilidade dos pesquisadores em dialogar com outras ciências produzindo estudos complexos e multifacetados.

No último bloco de textos aparecem aquelas pesquisas que dialogam de forma mais transversal e autônoma com as mídias, problematizando a partir de seus conhecimentos aspectos que perpassam pela relação com os meios. É possível nestes textos identificar abordagens a partir da sociologia, política, psicologia e filosofia. Tais abordagens não estão estanques, mas sim em movimento e influenciando na conceituação de fenômenos comunicacionais.

O objetivo central deste livro em seu segundo volume é ampliar ainda mais o diálogo multidisciplinar, o que pode ser verificado pela formação dos pesquisadores que perpassam por diversos campos do saber acadêmico e emprestam seus olhares a esta obra coletiva, escrita a muitas mãos, corações e mentes. A atualidade das discussões aponta para o momento em que vivemos que produz a inquietação do porvir e aguça o senso investigativo em busca de respostas que por sua dinâmica espiral produzem mais perguntas.

A imersão cibernética ocorreu de forma abrupta para muitos produzindo uma overdose de informações. Muitos estão cansados de lives, reuniões e eventos virtuais e do trabalho home-office, mas no novo normal estes processos sociais vieram para ficar. As plataformas digitais e o universo midiático que entraram definitivamente na vida das pessoas com o advento da pandemia da Covid-19, parece já causar menos estranhamento e começa a ser

mais desvelado tanto pelos estudiosos quanto pelos usuários.

Desejamos que Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2 seja motivadora para seus objetivos em busca fontes para pesquisas futuras ou boa leitura e entretenimento. Afinal nestes tempos de pós-verdade e *fake news*, o que importa é a informação confiável e bem fundamentada.

Miguel Rodrigues Netto

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

DISPOSITIVOS MÓVEIS E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DIANTE DA PARTICIPAÇÃO DO REPÓRTER LAERTE CERQUEIRA NA COBERTURA DO ATENTADO TERRORISTA DE BARCELONA

Miguel Rodrigues Netto

Daliana Martins Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114101>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO OPINATIVO NAS REVISTAS VEJA SAÚDE E VIVA SAÚDE

Brunna Ingrid Pinheiro de Sousa

Flaubert Cirilo Jerônimo de Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114102>

### **CAPÍTULO 3..... 34**

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Nádia Dolores Fernandes Biavati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114103>

### **CAPÍTULO 4..... 46**

FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Ismael García-Herrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114104>

### **CAPÍTULO 5..... 52**

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO, PARTICIPANTE DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NA CIDADE DE SÃO PAULO

Tânia Regina Exposito Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114105>

### **CAPÍTULO 6..... 64**

REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NO SUPLEMENTO INFANTIL GURILÂNDIA: DIREITOS HUMANOS, CIVIS, POLÍTICOS E SOCIAIS NO JORNAL ESTADO DE MINAS DOS ANOS DE 1956 A 1964

Aline Choucair Vaz

Eliana Eduardo Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114106>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPAÇO	
Patricia Franck Pichler Maria Ivete Trevisan Fossá	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
CIBERDEMOCRACIA E FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO ELEITORAL DE 2018	
Lohaynne Silva Gregório Perini	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
O AGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ECONOMIA E SAÚDE NA TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO PELA MÍDIA	
Débora Pereira Lucas Costa Milton Mauad de Carvalho Camera Filho Cristinne Leus Tomé	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109">https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>111</b>
VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19	
Kenzo Soares Seto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
MÍDIAS SOCIAIS E PROPAGANDA POLITICA ENTRE MANIPULAÇÃO E CENSURA	
Edgar Esquivel Solís	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>138</b>
COMUNICAÇÃO E CIDADANIA CORPORATIVA: A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE	
Mafalda Eiró-Gomes Ana Luísa Raposo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>151</b>
COMUNICACIÓN: MEDIOS, TEMPORALIDAD Y PROCESOS SOCIALES 2	
Elizabeth Carabalí Donneys	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013">https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
REDES SOCIAIS E COMUNIDADES DE PRÁTICAS	
Luiz Carlos Affonso	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141014>

**CAPÍTULO 15..... 178**

TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nadya Maria Macedo Pereira

Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141015>

**CAPÍTULO 16..... 190**

*IDOLS* EM DRAMAS TELEVISIVOS CHINESES: CONTEXTO HISTÓRICO, POP E SUBVERSÃO POLÍTICA EM *THE UNTAMED*

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141016>

**CAPÍTULO 17..... 202**

AS RELAÇÕES HUMANAS EM TEMPOS DE UMA NOVA ERA VIRTUAL

Victor Antunes de Souza Serrão

Jadson Justi

Edriline Barbosa Lima Justi

Jamson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141017>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 220**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 221**

# CAPÍTULO 7

## APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPÇO

Data de aceite: 01/10/2021

Data de submissão: 06/08/2021

### Patrícia Franck Pichler

Doutora em Comunicação (UFSM). Teutônia,  
RS.

<https://orcid.org/0000-0002-0656-7759>

### Maria Ivete Trevisan Fossá

Professora Associada do Departamento de  
Ciências da Comunicação da UFSM. Santa  
Maria, RS. <https://orcid.org/0000-0001-6536-6714>

**RESUMO:** O estudo está situado na perspectiva dos meios de comunicação comunitários com ênfase na circulação do conhecimento para emancipação do sujeito e das coletividades. A este contexto, articulam-se os conceitos de biopoder, biopolítica e biopotência. Este artigo verifica como estão envolvidos os dispositivos de biopoder e as práticas de biopolítica na dinâmica proporcionada por uma experiência comunitária no ciberespaço, por meio da observação do projeto Viva Favela. O que se percebe são características que delineiam uma atuação sob um padrão controlado, mas também a oportunidade a manifestações por mudanças, aos relatos de vida e às narrações de conquistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Comunitária, Biopoder, Biopolítica, Biopotência.

### NOTES ABOUT BIOPOWER, BIOPOLITICS AND BIOPOTENCY IN COMMUNITY COMMUNICATION AT CYBERSPACE

**ABSTRACT:** The study is based on community media with knowledge circulation emphasis to emancipation of the individual and of the collectivities perspective. There are articulated in this context the biopower, biopolitic and biopotency concepts. This article verifies how the device biopower and the practices of biopolitics are involved in the dynamics provided by a community experience in cyberspace, through observation of the Viva Favela project. Characteristics delineating an acting under a controlled pattern are perceived, as well as the opportunity to demonstrations of changes, life stories and narrations of achievements.

**KEYWORDS:** Community Communication, Biopower, Biopolitic, Biopotency.

## 1 | INTRODUÇÃO

Pautamos a investigação a partir do olhar participativo da comunicação, adotando a perspectiva da comunicação comunitária. Ainda, posicionamos este estudo junto à experiência comunicacional em ambientes digitais, percebendo que mudanças significativas na internet ocorreram e favoreceram dinâmicas ativistas e movimentos sociais, que fizeram com que essa mídia tivesse novos usos.

O cenário econômico e político vivenciado,

do qual a globalização é protagonista, ao lado do rápido avanço das redes e conexões virtuais, organiza um processo que, ao mesmo tempo em que inclui para o funcionamento de sua lógica, termina por excluir. Isso é devido ao estabelecimento do capitalismo em rede, pois a teia de conexões estabelecida não permanece no âmbito social, migrando para o comercial (PELBART, 2002), que configura um contexto no qual para se ganhar, por vezes, é preciso perder.

Para que seja possível reverter esta ordem, é necessária uma força capaz de romper as barreiras do poder dominante e determinante. Para Negri, Hardt e Pelbart, este contrapoder provém da vida como força, da biopotência do coletivo, da riqueza biopolítica da coletividade, do poder inventivo dos sujeitos comuns que oportuniza novas associações e novas formas de cooperação. “Nesse contexto, as forças vivas presentes por toda parte na rede social deixam de ser apenas reservas passivas à mercê de um capital insaciável, e passam a ser consideradas elas mesmas um capital, ensejando uma comunialidade de auto-valorização” (PELBART, 2002, p. 02).

Entendemos os sites da internet como meios de comunicação de onde emergem narrativas cotidianas de diversos pontos de produção. Ocorre, pois, “a passagem do modelo informacional das mídias, que privilegia a acumulação quantitativa proprietária de elementos, para o modelo comunicacional das multimídias, que privilegia a coordenação da ação coletiva” (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 2). Tudo isso se configura sob específicas condições econômicas, sociais e políticas, que por tratar do contexto das sociedades pós-industriais, posiciona a comunicação midiática como um mercado, onde o conteúdo e as mensagens são os produtos ofertados.

À esta ordem mercantil no ciberespaço está vinculada a questão da liberdade, estando o cerne deste debate “[...] no direito de produção autônoma de formas de vida, que não sejam atravessadas pela força estatal nem pela mercantilização do capital, mas por ‘direitos comuns’ que as protejam e as liberem ao mesmo tempo” (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 3). Antoun e Malini dão destaque à ideia de que se vive na internet “um império da liberdade mercantilizada na rede” (2010, p. 3).

Nesse sentido, surge o debate acerca do biopoder no contexto problematizado, “uma nova arte de governar a liberdade dos sujeitos”, operando com mecanismos para “produzir, insuflar, ampliar as liberdades, introduzir um ‘a mais’ de liberdade por meio de um ‘a mais’ de controle e de intervenção” (FOUCAULT, 1977 apud ANTOUN e MALINI, 2010, p. 03). Em contrapartida, temos a biopolítica, um “conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público [...]” (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 6).

Em meio a estas duas forças está a comunicação e os *media*, permeados pela atual cultura da participação e milhões de leitores/internautas/produtores atentos às informações e engajados em criar suas versões e contribuir com a comunicação partilhada (ANTOUN e

MALINI, 2010). Contudo, apesar da atual lógica do ciberespaço estar marcada pela atuação dos internautas, muitos espaços mantêm a liberdade controlada por meio de estratégias que pautam esta participação, direcionando o modo de “falar sobre” determinadas temáticas e atuando na tensão entre os dispositivos de biopoder e a *práxis* da biopolítica.

A partir dessas compreensões acerca da comunicação e da participação coletiva e autônoma em ambientes digitais e da valorização da força coletiva por meio da biopotência, objetivamos neste estudo verificar como estão imbricados os dispositivos de biopoder e as práticas de biopolítica na dinâmica de compartilhamento de informações proporcionada por uma experiência comunitária no ciberespaço. O objeto para observação proposta é o Viva Favela (VF), projeto da Organização Não-Governamental Viva Rio, do Rio de Janeiro – RJ, que busca a participação dos moradores dos locais nos quais atua, postando no portal Viva Favela reportagens sobre sua gente e suas rotinas pelos seus próprios moradores, denominados correspondentes comunitários.

O estudo por meio da observação do caso do projeto Viva Favela evidencia diversas facetas de uma atuação comunitária no contexto entre as forças do biopoder e da biopolítica, pois o mesmo já passou por diversas mudanças estruturais e de ação, em seus 15 anos de existência. Iniciou com uma proposta extremamente aberta de participação e interação dos internautas, transitou para uma estrutura mais formalizada e de atuação controlada dos correspondentes comunitários e, entre 2016 e 2017, perdeu suas principais fontes de recurso financeiro, o que culminou no enxugamento de sua equipe de trabalho e conseqüente redução de sua atuação. Contudo, justamente estas transformações nos suscitam um ambiente fértil para a análise objetivada.

A análise é feita a partir do estudo do site e da sistemática de funcionamento do projeto (ainda em sua fase ativa até 2016), pela observação detalhada das páginas e dos *links* do portal, permitindo-nos reconhecer como se dava o contexto de poder no ambiente comunitário estudado. No decorrer da observação, são apresentados trechos de entrevistas que foram realizadas no ano de 2015 com correspondentes comunitários e organizadores do Viva Favela. Estas são utilizadas como reforço à compreensão pretendida, servindo de ancoragem ao entrecruzamento da teoria com a prática.

## **2 | BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NO CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**

No movimento econômico global, a população mundial e suas culturas passam por um processo de intercâmbio, que representa relevantes transformações à sociedade contemporânea. “O processo global levou a uma universalização devido à promoção da queda de barreiras entre diferentes nações e culturas, ao mesmo tempo em que incentivou reorganização em âmbito local, o qual se fechou em certos aspectos, incorporou um processo de particularismo” (PICHLER e FOSSÁ, 2012, p. 33). Associado à globalização está

a formação e consolidação do ciberespaço e das tecnologias de informação e comunicação, que apresentam e organizam novas possibilidades, novos objetivos e novos dilemas.

Nessa perspectiva, a globalização econômica leva à desigualdade, a qual gera formas de exclusão e é preciso, pois, questionarmos-nos, conforme propõem Antoun e Malini, sobre as chances que o sujeito tem “de desenvolver uma subjetividade própria, de pôr em questão as escolhas que o meio lhe oferece ou interdita em função de tornar-se este ou aquele sujeito” (2010, p. 8). Sob esse ponto, entendemos a comunicação comunitária como perspectiva ideal à compreensão que intentamos.

Esta forma de comunicação pode ser tratada também, segundo Cicilia Peruzzo (2005), como alternativa ou popular, e ainda, conforme John Dowing (2002), como mídia radical. A comunicação comunitária surge como um viés comunicacional que olha para o entorno da esfera social, ou seja, para as margens e os marginalizados, mas sem a pretensão de deixar o centro de fora; ela propõe justamente um olhar conjunto para a compreensão exata da situação e ação adequadas. É necessária, assim, a prática, a inserção dos oprimidos na realidade que oprime, o que pode ser corroborado por propostas comunitárias da comunicação, que oportunizam a busca pelo envolvimento, a participação e a ação coletiva frente à comunidade e suas demandas.

Apontando a tensão de forças atuantes no âmbito comunitário comunicacional, entendemos o biopoder como a arte de impor regras e normatizar comportamentos, definindo-se como mecanismos de controle e de formatação, que impõem seu domínio sobre o que lhe é de interesse. Ao passo disso, mantém um sistema de monitoramento, cuja estratégia visa conhecer e prever ações, como forma de garantir manter o poder. Todo este contexto de forças de dominação transforma o espaço de produção independente do ciberespaço em um conjunto de ações que são simplesmente repetidas, rotineiras, de maneira disfarçada em liberdade.

Acerca da biopolítica, encontramos muita referência à questão da resistência e de se constituir de ações mais coletivas, uma vez que é preciso força para superar o poder soberano. Dessa forma, trata mais de gestão, remetendo a gerenciar, a providenciar meios de luta e de superação, não se vinculando ao poder de controlar, manipular. Com isso, oportuniza produzir novas realidades, ou seja, produzir e transformar.

Do biopoder e da biopolítica, chegamos à biopotência, uma força que para Peter Pelbart está em cada pessoa, em todos que “[...] detêm a força-invenção, cada cérebro-corpo é fonte de valor, cada parte da rede pode se tornar vetor de valorização e de autovalorização” (2011, p. 24). Falamos assim, em uma “democracia biopolítica”, na qual se retira o foco do poder como fator soberano e coloca-se na vida, mudando seu sentido e também a compreensão acerca de biopolítica, conceito apresentado inicialmente por Foucault.

Para esse autor, a biopolítica tratava de uma forma de incidência do poder sobre a vida, restando a esta resistir àquele. Nesse formato, biopolítica é essencialmente poder e racionalidade, sendo o corpo e a vida fragmentos passivos. Porém, o que é preciso para o

avanço dessas teorias e, principalmente, de experiências promissoras de vida, é transformar a ordem do poder, que precisa deixar de “agir sobre a vida” para ser “força de vida”, como Deleuze (2002) reapresentou o entendimento de Foucault. Desse entendimento e dessa forma de compreensão do poder, emerge a potência de vida, a biopotência.

Desse modo, tratamos a comunicação comunitária como uma proposta de conceito biopolítico, o que quer dizer que a investigação está centrada nas capacidades criativas dos sujeitos envolvidos. A comunicação comunitária, “[...] quando desenvolvida em bases orgânicas e participativas – concretiza um ponto de fusão com o desenvolvimento social local e da cidadania. Pode favorecer a constituição de cidadãos ativos, emissores de conteúdos e gestores da comunicação” (PERUZZO, 2006, p. 119).

### **3 | OS TENSIONAMENTOS DE PODER NA EXPERIÊNCIA COMUNICACIONAL COMUNITÁRIA VIVA FAVELA**

Para a verificação de como estão imbricados os dispositivos de biopoder e as práticas de biopolítica na dinâmica de compartilhamento em uma experiência comunitária no ciberespaço, fazemos a observação do projeto e do portal Viva Favela (VF). Este projeto social carioca trata de um ambiente virtual no qual internautas cadastrados, denominados correspondentes comunitários (CC), podem contribuir com textos e outros produtos informativos e expor sua visão da favela/periferia/comunidade que vivem.

Como explicitado acima, o projeto já passou por mudanças em sua proposta de ação e enfrenta, desde 2016, o risco de ser encerrado, estando com suas atividades e a participação dos correspondentes comunitários suspensos. Dessa forma, visualizando sua trajetória a partir de uma das primeiras versões do site até a atual situação, percebemos como os poderes que cercam esses projetos delinham consideravelmente seu *modus operandi*.

Iniciamos o estudo da sistemática de ação do projeto a partir de sua versão 2.0, em operação entre 2010 e 2013, quando completava 10 anos de história e iniciava sua atuação de forma digital, por meio do Portal Viva Favela. Nesse formato, a participação era mais aberta, sendo que para se tornar um correspondente comunitário era preciso apenas efetuar cadastro no site do projeto com o preenchimento de um formulário online. Nesse modelo, além de permitir a divulgação por parte de qualquer pessoa interessada e de assuntos mais gerais, o portal se configurava a semelhança de sites de redes sociais, pois havia uma proposta de interação diferente da última versão “no ar” (2013 a 2016).

Nesta versão 2.0 do portal, as reportagens publicadas pelo usuário encontravam-se disponíveis no seu perfil criado no portal, seguidas pelo respectivo número de comentários recebidos. Esses dados complementavam o perfil criado, quando o teor e o conteúdo das publicações confirmavam seu vínculo com as favelas e/ou seus assuntos de interesse. O número de reportagens postadas e de comentários recebidos poderia representar o grau de participação do usuário e de seu envolvimento com outros membros da comunidade e com

o objetivo do projeto.

Esse modelo nos remete a traços que reivindicam a compreensão obtida acerca da liberdade positiva na rede, pelo sentido de “coletividade” evidenciado. Ainda, esses perfis expostos e acessíveis expõem a “produção” dos CC, que nos moldes da proposta do projeto, externam por meio de seus conteúdos, as “lutas” desses internautas-moradores e conformam o quadro de “resistência” desse “corpo coletivo”.

No VF entre 2010-2013, as postagens podiam ser feitas optando pela publicação no *blog* pessoal ou na página principal. A publicação era livre, sendo opção do CC para que seção iria seu texto no momento da postagem. Havia um sistema de ranqueamento das matérias publicadas na *home*, a partir da votação das pessoas cadastradas. Assim, as matérias eram organizadas automaticamente na página principal do portal conforme o número de votos.

A proposta de *ranking* funcionava como um incentivo para a publicação e busca por assuntos interessantes, necessitando para o bom desenvolvimento do ideal do projeto a “participação” e a “análise crítica” por parte dos “usuários-produtores”. Se utilizada criticamente, essa sistemática possibilitava a “união” a partir do apoio do voto, a “reflexão” e “criticidade” para a distribuição de votos de forma responsável e aos textos realmente preferidos, e a “ação coletiva”, pois era a partir do conjunto que o VF funcionava, dependendo das publicações, mas também dos leitores e sua participação ativa, por meio dos votos.

Porém, de acordo com o relatado por representante do projeto, esse modelo de ação não estava funcionando adequadamente, pois não ocorria uma votação orientada de fato pela aprovação do conteúdo.

Este formato não estava mais funcionando, de qualquer um se cadastrar. Tinha uma coisa do *ranking*, das pessoas votarem na notícia que elas quisessem votar, e aí você tem um grupo grande de amigos, todo mundo vai votar na sua matéria, a sua vai ficar na *home*. (Entrevistado A).

Assim, apesar da proposta desta versão articular relevantes meios de uma atuação mais livre, sendo próxima à prática biopolítica da “liberdade de criar e recriar” pelo sistema de votos e de proporcionar a “conexão entre as singularidades da multidão” a partir dos perfis em rede, o formato não se sustentou. Mais do que o sistema de *ranking*, que fazia com que somente alguns CC tivessem suas reportagens destacadas, conforme expõe o entrevistado A, a possibilidade “de qualquer um se cadastrar” também “não estava mais funcionando”. O próprio conjunto de assuntos divulgados já estava sendo questionado.

Essas questões fizeram com que os idealizadores do projeto optassem por assumir o “controle” e garantir, por meio da “edição”, que o projeto atuasse com mais foco na ideia de ser um espaço de informação elaborada pela “força inventiva” das próprias periferias, mas conjugando uma apresentação que tivesse representatividade frente à mídia de massa. E, para isso, julgaram organizar uma estrutura mais fechada e “disciplinada” adequada ao cumprimento deste objetivo.

Essa mudança gerou relevante impacto no projeto, uma vez que movimentou toda sua

estrutura e passou a trabalhar de forma diferente, sendo obrigatória a intervenção da redação e administração do VF para a divulgação do que os CC quisessem postar na *home* do portal. Com essa intervenção, percebemos uma transformação que fez o projeto se desvincular de uma proposta que se aproximava mais do ideal de “liberdade positiva” preconizado pelo funcionamento do ciberespaço, e se assegurar em uma versão nos moldes do que Antoun e Malini configuram como uma “liberdade negativa”.

Contudo, esta alteração de um modelo mais biopolítico para a inserção de novos dispositivos de biopoder gerou um duplo resultado. Podemos dizer que o projeto, seus CC e os moradores das representadas periferias ganharam e perderam. O Viva Favela teve uma redução no número de CC que participavam do projeto, pois muitos deixaram de concordar e acreditar na proposta do mesmo.

Teve uma mudança de um site pro outro e aí a gente percebeu que houve uma queda, depois da mudança de um site pro outro, na visualização. Hoje eu acho que já está mais normal, mas na época quando estava reiniciando a gente teve uma queda [...] E isso foi uma margem de discussão muito forte. E aí fomos buscar porque as pessoas deixaram de acessar; algumas porque não gostou do novo modelo, outros porque achavam que o modelo era mais difícil, etc. (Entrevistado E).

Alguns correspondentes não se sentiram mais a vontade de escrever pro site por causa disso, mas em compensação a gente conseguiu outros que chegaram, que tem um perfil um pouco diferenciado, pessoas que estudaram mais, que tão mais preocupadas com a apuração, e aí eles chegaram e tomaram lugar desses outros que se perderam. (Entrevistado A).

Essa “queda” representou para o VF uma perda relevante, tanto quantitativamente, pelo número de CC atuando na publicação de conteúdo, como qualitativamente no sentido de uma história e experiência que havia sido construída e, de certa forma, perdeu-se no momento em que estas pessoas deixaram de pertencer ao projeto. No entanto, novos e diferentes sujeitos passaram a integrar a iniciativa. Podemos observar essas diferenças comparando dados referentes ao portal Viva Favela, suas publicações e CC cadastrados das versões 2.0, de 2010 a 2013, e 3.0, de 2013 a 2016:

	<b>VF versão 2.0</b> (até 2013)	<b>VF versão 3.0</b> (2013 a 11/2016)
Correspondentes	2440	56
Reportagens	1242	243
Blog	232	273
Vídeos	792	19
Fotos	790	61

Tabela 1 – Dados de publicações e cadastros do Portal VF versões 2.0 e 3.0.

Fonte: Elaborado pela autora (dados fornecidos pela administração do projeto Viva Favela).

Os números são expressivos, principalmente quanto à quantidade de CC cadastrados, o que refletiu diretamente no volume de conteúdo compartilhado. Porém, o número de pessoas registradas no portal não representa necessariamente a efetividade do projeto, que tem o foco na produção de conteúdo que dissemine informações relevantes e desmistificadoras a respeito da favela e seus moradores. Assim como pontuaram acima os Entrevistados A e E, com a saída de alguns CC, outros começaram a participar, com perfis diferentes, concordando com a nova proposta do projeto.

Com isso, ficou reduzida a quantidade de publicações. Porém para o Viva Favela, estas passaram a ser mais qualificadas no sentido de proporem um conteúdo mais organizado e com assuntos pautados, a partir do apoio e da atuação de CC mais “preocupados com a apuração”. E isso também se configura como um movimento biopolítico da multidão, ao passo que demarca uma ação crítica, baseada em outra consciência, que agora não prima pela quantidade e livre participação, mas pelo discurso que passa a ser enunciado, o que demarca também “coletividade”, “comum”, “luta”.

Surgiu então uma nova “luta”, a partir de outros sujeitos que tiveram sua “tomada de consciência” despertada pelo atual modelo, sendo “positivo”, “estimulante”, como uma fonte de um outro e novo “conhecimento”. Em ambos os casos, acreditamos terem se conformado movimentos de “poder de vida”, de “inserção crítica”. Com a mudança ocorrida em 2013, com o início da chamada versão 3.0, o Viva Favela assumiu um novo posicionamento, tendo sua atuação mais pautada institucionalmente, com o envolvimento mais direto da administração no trabalho dos CC com suas reportagens.

É pela página inicial do Portal Viva Favela 3.0 que iniciamos nossa observação da então nova sistemática do site. Bem ao centro, estão localizadas as reportagens dos CC que são elaboradas a partir da conversa e da aprovação de pauta da redação do Viva Favela, passando por uma revisão antes da divulgação final. Há um menu principal, que dá acesso aos demais espaços de publicação do site. Outro destaque que fazemos com relação à nova home é a utilização da logomarca da ONG Viva Rio e a substituição do banner com palavras temáticas do projeto pela logomarca do patrocinador Petrobrás.

Essas alterações, remetem-nos mais uma vez ao novo posicionamento adotado pelo projeto após mudanças realizadas, configurando um perfil comunitário que transparece ser mais institucionalizado, uma vez que podem ser visualizadas duas importantes organizações “assinando” o projeto, a Viva Rio, ONG a quem o projeto pertence, e a Petrobras, empresa nacional que auxilia a iniciativa desde 2009, juntamente com outras instituições, que ainda serão apresentadas. Trazer estas duas marcas vinculadas à sua, impõe um respeito perante a sociedade, sobre ser um projeto legítimo e reconhecido; ao mesmo tempo, transpõe uma nova responsabilidade à sua atuação, a partir de um certo “monitoramento” que as suas legitimações representam.

Quanto à sistemática de funcionamento, no *link* “Como participar”, estão explicadas a dinâmica do projeto e a forma de postagem. Em um primeiro momento, conforme trecho

destacado abaixo, é feito um convite de participação a moradores de comunidades e periferias, o que ratifica o fato do projeto ser voltado ao envolvimento desses sujeitos, para “contribuir com a produção de conteúdo”. Ao fazer este convite, o projeto, de certa maneira, convoca as pessoas que vivenciam a realidade considerada a cooperar com a iniciativa, o que impõe um movimento de ação, que necessita que o primeiro passo seja dado por esses sujeitos.

#### Exemplo 1

O projeto Viva Favela **convida** moradores de periferias e comunidades para **contribuir com a produção de conteúdo** do portal. Os correspondentes, mesmo sem formação em jornalismo, podem participar de duas formas: na seção de blogs, com **conteúdos independentes**, ou **em parceria com a Redação**, realizando reportagens remuneradas. (Link “Como participar”. Grifos nossos).

Com isso, o projeto busca o ponto de vista das experiências de subjetivação através do recurso da cooperação, um dos requisitos biopolíticos. Além disso, a solicitação feita é para que seja “produzido conteúdo”, remetendo à ação, ao envolvimento prático das pessoas, à capacidade criativa e produtiva humana, utilizando seus conhecimentos através da comunicação, outros dois recursos biopolíticos. Ao final deste trecho, são apresentadas as duas formas principais de atuação como correspondente comunitário: através de “conteúdos independentes” nos blogs ou em “parceria com a Redação”.

A participação no espaço *blog* é independente, sendo os textos ali postados sem a revisão e o acompanhamento por parte da redação do projeto. Como consta no site, é um “espaço livre de expressão”, novamente indiciando a crença por parte do projeto na capacidade de produzir dos CC, sendo reivindicada sua biopotência.

#### Exemplo 2

Para publicar no blog, basta criar o seu cadastro. A ideia é que esta plataforma seja um **espaço livre para expressão** de assuntos relacionados, direta ou indiretamente, ao **local de moradia do autor** ou a **sua própria manifestação intelectual**. (Link “Como participar”. Grifo nosso).

Ainda no exemplo 2, observamos quanto à temática para as matérias e publicações, cuja orientação é ser relacionada “ao local de moradia do autor”. Essa questão é devido ao próprio mote do projeto, que tem como um de seus objetivos, divulgar conteúdo diferenciado sobre as favelas cariocas e periferias brasileiras, mas também reforça um ponto a respeito da conscientização e da biopotência, a valorização e autovalorização. Ao incentivar moradores a escrever sobre seus espaços de vida e dar destaque a materiais informativos que narram de maneira exclusiva a experiência diária desses locais, o VF está possibilitando e potencializando o que Peter Pelbart coloca como o “trabalho vital” dos CC. Isso remete à força, à transformação e à valorização da vida, questões-chaves para que tenhamos a constituição de um corpo vital coletivo.

A outra forma de atuar como CC é pelo envio de sugestões de pauta, conforme

demonstra o exemplo 3. Um destaque que fazemos refere-se a este conteúdo ser remunerado, o que faz relação a uma liberdade mascarada em alguns espaços da internet, por algumas instituições. Trata-se da liberdade de criar que vai sendo travada pelo “poder de pagar para criar em rede” (ANTOUN e MALINI, 2010, p. 5), que se soma aos demais atos de comando e disciplina como sistemas de controle. Ao pagar pela publicação, há um desvio da proposta no que se refere aos princípios da biopolítica, pois conforme Trindade (2008), esta força alternativa de luta faz resistência “às tentativas do biopoder de modular e neutralizar as redes de cooperação”.

### Exemplo 3

Para as seções Reportagens e Vídeos, cujo **conteúdo é remunerado**, o interessado também deve se cadastrar no site e **enviar uma sugestão de matéria** para [pautas@vivafavela.com.br](mailto:pautas@vivafavela.com.br). As pautas devem abordar o cotidiano de sua localidade e podem ser realizadas em texto, vídeo ou foto. **Se** a sugestão de conteúdo for **aprovada pela equipe**, o correspondente terá todo o **apoio e supervisão da Redação** até a conclusão do trabalho. Ele também poderá participar, a cada três meses, da confecção da Revista Multimídia, publicação eletrônica, temática e trimestral, que funciona com a mesma dinâmica do portal (**trabalhos remunerados e com supervisão da Redação**). (Link “Como participar”. Grifo nosso).

Essa questão da remuneração remete ainda ao que Hardt e Negri (2005) apontam como a “expropriação do comum”, sendo privatizado aquilo que não pertence a ninguém, mas é de todos, a potência criativa, o conhecimento dos sujeitos. Esse ato de pagar as publicações pode reduzir as capacidades de cooperação e de comunicação dos sujeitos, o que refletirá em não inovação e não transformação. Essa sistemática acaba por se configurar próxima ao biopoder, podendo atuar como um mecanismo de controle.

De forma similar, entendemos a sistemática de participação que exige “enviar uma sugestão de pauta”, que precisa ser “aprovada pela equipe”. Para escrever a reportagem sobre sua experiência de forma a constar na página inicial do site é preciso sugerir o assunto à redação. Assim, o processo de tomada de consciência é abreviada e interferida pelo mecanismo de controle imposto pelo projeto, a necessidade de discussão e aprovação da pauta. É bloqueada a ação de criar e participar pelo mecanismo de biopoder do monitoramento. Para corroborar, vejamos abaixo a fala de um entrevistado, auxiliar administrativo do projeto:

“É uma relação quase de amizade assim, porque uma vez que a pessoa quer escrever e eles não são jornalistas, eles precisam ter alguém de confiança com quem eles possam falar, trocar ideias, tudo. Então, pra uma matéria acontecer é um processo assim, que leva às vezes semanas, assim. O correspondente liga ou manda e-mail falando da sugestão de pauta dele, a gente responde esta sugestão dando algumas ideias, tipo caminhos onde ele pode seguir. A gente nunca fala “não, não faz”, no máximo a gente fala “olha, tenta este outro caminho”, mas a gente nunca desestimula. (Entrevistado A).

Encontramos na fala acima, referência a esse processo de acompanhamento, que se torna longo pelo fato de ir e vir à redação do projeto. Nesse ato de “dar algumas ideias”

e “caminhos onde seguir”, entendemos poder ser bloqueada a “liberdade de criar”, sendo a produção do texto modificada em sua forma e essência. Ao “tentar outro caminho”, o CC precisa modificar sua força invenção e a autorização a agir, que ele próprio havia se concedido, é abreviada por uma cultura sobre determinada, pelo controle e pela formatação.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto é parte integrante de um estudo que compreende um processo metodológico mais completo frente à concepção teórica aqui exposta em articulação com o objeto empírico analisado. Devido a isso, aqui são trazidos apontamentos referente ao tema proposto, no sentido de suscitar em quem lê reflexões e posicionamentos diante ao campo dos estudos em comunicação.

Percebemos que o projeto Viva Favela e seus correspondentes comunitários atuam em meio aos tensionamentos dos dispositivos de biopoder e das práticas de biopolítica. Apesar de apresentar características que delineiam sua atuação dentro de um padrão controlado, também dá oportunidade às manifestações por mudanças, às queixas por melhor infra-estrutura, aos relatos de vida e às narrações de conquistas. É, pois, um espaço que possibilita a prática da biopolítica, através da participação dos correspondentes comunitários, que se unem e cooperam para que haja as transformações pelas quais lutam.

Os correspondentes comunitários são motivados a contar, através do que acontece em suas comunidades, suas vidas. Pela narração coletiva, que culmina em um acervo repleto de experiências diferentes, mas singulares, constituem um discurso sobre esses locais que proporciona aos demais conhecerem como são de fato, pela “voz” dos moradores. Essa “versão colaborativa” remete à partilha do comum, ao desenvolvimento de relações sociais por meio de trocas simbólicas, e à conexão entre as singularidades, apontamentos teóricos que definem espaços de expressão biopolítica.

Embora se apresente fortemente envolvido a sistemas que imbricam dispositivos de biopoder, o caso estudado mantém-se trabalhando com foco na proposta de levar ao conhecimento amplificado as realidades, experiências, conquistas e dificuldades que vivenciam os brasileiros moradores das comunidades e periferias do país. Uma atuação permeada por biopoder e biopolítica, mas que oportuniza relevantes espaços à biopotência dos sujeitos, vindo ao encontro da lógica comunitária da comunicação.

## 5 | REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **Ontologia da liberdade na rede**: as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Cibercultura, do XIX Encontro da Compós. PUC-RJ: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3IEEVwz>>. Acesso em julho de 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DOWNING, John. **Mídia radical**. São Paulo: Senac, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2005.

PELBART, Peter P.. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Biopolítica e Biopotência no coração do Império**. Multitudes 9, mai-juin, 2002. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/Biopolitica-e-Biopotencia-no/>>. Acesso em julho de 2021.

PERUZZO, Círcia M. K.. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Revista Latinoamericana de Ciências de la Comunicación – ALAIC, ano III, julho/dezembro, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2VocOqV>>. Acesso em julho de 2021.

\_\_\_\_\_. **Rádio comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias**. Revista FAMECOS, n. 30, Porto Alegre-RS, 2006. p. 115 – 125.

PICHLER, P.F. e FOSSA, M.I.T. **De que comunidade se está falando? O conceito a partir das estratégias discursivas em telejornais brasileiros**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6332>>. Acesso em julho de 2021.

PORTAL VF. Site **oficial do projeto Viva Favela**. Informações retiradas de diversos links do portal Viva Favela. Disponível em: <[vivafavela.com.br](http://vivafavela.com.br)>. Acesso em fevereiro de 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agronegócio 103, 104, 105, 107, 108

Análise 6, 1, 3, 5, 9, 12, 13, 15, 22, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 76, 79, 91, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 116, 138, 141, 142, 144, 145, 158, 160, 174, 178, 179, 187, 188, 203, 210, 215

### B

Biopoder 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 112

Biopolítica 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 112, 113, 114

### C

Censura 7, 2, 3, 96, 122, 188, 194, 195, 197, 198

Ciberdemocracia 4, 7, 86, 87, 88, 96, 98

Ciberespaço 4, 7, 31, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 91, 95, 155, 156, 162, 174

Cidadania 7, 56, 57, 67, 71, 72, 78, 85, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 181, 182, 184, 187, 218

Compartilhamento 17, 21, 27, 29, 59, 76, 78, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 154, 157, 160, 161, 162, 168, 169, 171, 172, 209, 213

Comportamento 11, 67, 97, 159, 160, 170, 179, 181, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 214, 216, 218

Comunidade 6, 39, 46, 47, 77, 78, 85, 88, 95, 114, 116, 139, 140, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 201, 204, 214

Construção 4, 6, 15, 17, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 45, 57, 67, 73, 88, 113, 119, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 186, 188, 193, 195, 204

Cultura 4, 16, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 51, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 84, 88, 98, 108, 110, 113, 119, 138, 142, 147, 151, 152, 157, 174, 181, 187, 188, 192, 194, 195, 198, 218

### D

Direitos 6, 40, 46, 50, 56, 57, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 98, 102, 137, 182, 183, 185, 187, 218

Discurso 3, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 52, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 81, 84, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 129, 187, 188, 198

Dramas 8, 188, 189, 192

## **E**

Ecologia 16, 46, 47, 48, 49, 50, 144

Educação 4, 15, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 60, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 93, 99, 100, 155, 174, 175, 186, 187, 216, 218

Enunciação 6, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Estereótipos 8, 70, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

## **F**

Fake News 4, 5, 7, 18, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 133, 134, 145

Fotografia 4, 6, 46, 48, 50

## **G**

Gênero opinativo 4, 6, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 12, 13

## **H**

Humano 139, 150, 151, 152, 170, 179, 181, 186, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 214, 216

## **I**

Inclusão 20, 46, 47, 48, 50, 51, 138, 139, 180

Información 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 149, 150, 151, 152, 153

Inteligência 89, 112, 155, 156, 173, 174, 204, 212

Internet 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 50, 52, 55, 59, 74, 75, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 141, 150, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 169, 170, 171, 173, 175, 194, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 211, 213, 215, 216, 217

## **J**

Jornais 3, 4, 6, 21, 23, 32, 49, 52, 53, 59, 64, 65, 66, 89, 180

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 82, 86, 92, 96, 99, 182, 187, 218

## **L**

Leitura 5, 44, 53, 107, 178, 209, 218

## **M**

Manifestações 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 74, 84, 113

Mídia 4, 6, 7, 3, 11, 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 32, 38, 39, 41, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 79, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 161, 176, 177, 178,

179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 194, 195, 218

Migrante 6, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Mulher 6, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 63, 68

## **N**

Necropolítica 112, 113, 114, 120

Notícia 4, 6, 1, 9, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 40, 43, 45, 79, 90, 91, 93, 94, 96, 101, 103, 183, 186, 187

## **O**

Objetivo 4, 1, 6, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 57, 58, 64, 79, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 104, 112, 114, 123, 129, 130, 139, 154, 161, 163, 165, 166, 169, 171, 179, 180, 192, 193, 200, 204, 214

Olhar 9, 11, 34, 36, 37, 44, 70, 74, 77, 100, 103, 114, 120, 177, 188, 202

## **P**

Pandemia 4, 7, 8, 9, 11, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 124, 134

Participação 6, 15, 20, 24, 25, 29, 47, 63, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 96, 119, 141, 154, 156, 164, 168, 172, 175, 183

Pesquisa 1, 3, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 86, 88, 89, 92, 94, 98, 99, 100, 103, 114, 138, 146, 160, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 182, 185, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 213, 214, 218

Política 4, 8, 6, 11, 36, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 86, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 103, 107, 114, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 145, 147, 188, 198, 202, 214, 218

Propaganda 7, 72, 95, 105, 108, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 180

## **Q**

Qualidade 10, 21, 25, 27, 48, 50, 53, 92, 103, 142, 144, 145, 186, 209, 210, 212, 213, 214

Questões 20, 22, 40, 49, 50, 79, 82, 88, 99, 100, 112, 139, 141, 144, 145, 146, 177, 179, 183, 185, 194, 205

## **R**

Redes sociais 7, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 31, 58, 59, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 119, 122, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Reportagem 6, 1, 9, 10, 12, 17, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 90, 93, 94, 101

Representações 6, 34, 35, 36, 37, 45, 50, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 110, 111, 119, 176, 177, 179, 180, 184, 186, 187, 210

Responsabilidade social 27, 33, 136, 137, 138, 140, 147, 218

## **S**

Saúde 4, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 68, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 120, 143, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 203, 213, 216, 217

Sentido 6, 34, 36, 37, 39, 42, 50, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 100, 102, 103, 106, 109, 110, 113, 114, 119, 140, 151, 155, 159, 161, 164, 167, 169, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 188, 192

Surdos 46, 47, 48, 49, 50, 51

Sustentabilidade 7, 56, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

## **T**

Teledramaturgia 188, 189, 192, 198

Texto 3, 6, 7, 8, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 52, 60, 61, 69, 79, 83, 84, 93, 94, 99, 100, 105, 106, 108, 159, 161, 169, 170, 201, 218

Transtorno 8, 176, 177, 178, 180, 182, 183

## **U**

Usuário 18, 19, 78, 88, 97, 115, 117, 118, 207, 208

## **V**

Virtual 8, 51, 78, 87, 88, 90, 92, 95, 96, 154, 159, 171, 175, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 216

Visualidade 7, 110, 114



# COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉️ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 @atenaeditora
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# 2

